

LUA  
DE MEL

ELIZABETH O'ROARK

LUA  
DE MEL

EPÍLOGO DO LIVRO  
*UM PACTO COM O DIABO*

TRADUÇÃO DE FILIPA AGUIAR

 MARCADOR

# 1

## HAYES

*Ruanda, 26 de julho*

Os meus sonhos são frequentemente — quase sempre — com a Tali. Por norma, isso é uma coisa boa.

Mas não esta noite.

Esta noite, são sobretudo recordações, e dolorosas.

Sonho com ela na minha cozinha, com a sua pele luminosa e os seus lábios exuberantes. Ela está a dizer qualquer coisa no seu terrível sotaque britânico e, como sempre, apetece-me rir... e também fugir. A sensação que tenho depois destes breves interlúdios matinais perturba-me. É como ouvir uma canção da adolescência e perceber que em tempos sentimos coisas que já não sentimos agora, coisas que esquecemos que existem. *Não a podes ter*, penso eu, enquanto me viro para partir.

E depois acordo. Na luz do amanhecer, levo um segundo para perceber que estava a sonhar. Ainda sinto o desespero, a certeza de que ela nunca poderá ser minha, mas a sua forma perfeita e pequena está encostada ao meu peito... lembrando-me de que ela é *minha*.

O alívio é impressionante.

*Ela é minha*, digo para mim próprio. *Aquilo faz parte do passado*.

O meu alarme toca. Silêncio-o e puxo-a para mim, sentindo prazer e pavor em partes iguais.

Prazer: porque a Tali está nua, a sua pele macia a cheirar a mel e laranjas, e já está a pressionar o rabioso contra o meu pénis duro.

Medo: porque dentro de poucos minutos não só a vou deixar, como a vou deixar para fazer algo que não me apetece fazer. Na nossa lua de mel, ainda por cima.

Não sei por que raio a deixei convencer-me a fazer isto. Sim, há uma semana nas Maldivas a seguir a esta, mas eu gostava de lá estar *agora*. Quero ver a minha linda mulher a nadar na minha direção, seminua, ou a caminhar pelo nosso *bungalow* sobre a água *completamente* nua.

Essencialmente, qualquer cenário em que a minha mulher esteja nua serve. E em vez disso, vou passar os dias num edifício de cimento no meio da porra do Ruanda.

— Estás bem? — pergunta ela, espreguiçando-se antes de se aninhar em mim.

— Devíamos ir embora — sussurro. Passo uma mão sobre o seu seio, saboreando a forma como o mamilo se contrai contra a minha palma. — Há outros médicos aqui e podíamos estar nas Maldivas ao jantar.

O seu riso é rouco de desejo. Ela estende a mão para trás para agarrar o meu membro e o prazer é tão grande, tão intenso, que inspiro subitamente.

— Ainda nem sequer começaste e já estás a desistir.

Empurro-me contra a mão dela.

— Não estou a desistir. Estou apenas a oferecer-te uma alternativa mais agradável. — Faço deslizar um dedo, e depois outro, para dentro dela. Céus, está encharcada. É um daqueles momentos em que não consigo acreditar que ela é agora minha mulher, e que eu, entre todas as pessoas, acabei por ficar com ela.

*Minha mulher.* Haverá alguma altura em que eu ouça essas palavras e não sinta a mesma emoção de posse? Será que alguma vez as ouvirei e não ficarei maravilhado com o incrível golpe de sorte que me levou até ela?

— Imagina: nós os dois numa praia privada. Tu, nua, estendida diante de mim na areia. A minha língua, aqui... — Deixo o meu dedo deslizar desde a sua abertura até ao clítoris, agora inchado como uma amora. — Tali, podia passar horas a saborear-te aí, a fazer-te vir, a recusar-me a parar.

Ela geme na almofada, porque o nosso hotel tem paredes finas como papel. Mais um aspeto infeliz da nossa lua de mel.

— Hayes, põe-no lá dentro — implora ela. — Por favor.

Faço a cabeça do meu sexo deslizar sobre as suas pregas, pressionando ligeiramente a sua entrada e afastando-me.

— Concordas, então?

— Não — responde ela. — Agora fode-me.

Céus, a minha mulher e a sua boquinha porca.

Enfio-me nela com força, saboreando a sensação de aperto do seu sexo, a sua respiração ofegante. Ela está inchada, ainda, da noite passada, apertando-me com tanta força que mal consigo aguentar-me.

— Porra, Tali — rosno. — Estás tão apertada esta manhã. Sentes-te bem?

Tremo ao fazer a pergunta. Parar nesta altura será um feito de heroísmo que mal consigo imaginar.

— Meu Deus, sim — geme ela, estendendo a mão atrás de si para me envolver o pescoço, usando-a como alavanca para ir ao encontro das minhas investidas, para as intensificar.

Sinto o meu membro inchar, os meus testículos cheios de esperma. Não vou durar muito. Faço deslizar o meu dedo até ao seu clítoris inchado, agora escorregadio, e ela começa a implorar-me com palavras pequenas e sem fôlego até que finalmente grita. Deixo-me ir com um suspiro, enchendo-a.

— Podíamos estar nas Maldivas numa questão de horas — sussurro. Ela ainda tem de rever o seu segundo livro. Isso dar-lhe-ia uma semana extra para o fazer e, mais importante, eu não teria de suportar uma semana a trabalhar *de graça*, longe da minha mulher.

Ela vira-se para mim e coloca a mão na minha cara.

— Isto pode ser mágico. Por favor, experimenta.

— A magia existe nos livros, Tali — digo. — Não na vida real.

— Acho que existe — diz ela, sorrindo como se soubesse algo que eu não sei. — E tenho fé suficiente pelos dois.

## 2

# TALI

Apanhámos um táxi no hotel, e percorremos juntos, de mãos dadas, o campo cirúrgico. Embora a Operação Sorriso geralmente não aceite voluntários civis, como pagámos a nossa própria viagem e eu falo francês, disseram que me podiam usar. O Hayes, no entanto, é a estrela deste espetáculo. Não só porque vai realizar um número recorde de cirurgias faciais, mas também porque, como cirurgião de celebridades, vai chamar a atenção para uma causa muito boa.

Ele sabe isso. Sabe o quanto estão a contar com ele. Ainda me espanta que tenha sugerido, esta manhã, que nos fôssemos embora. E isso diz-me tudo o que preciso de saber sobre o seu estado mental atual. Serão as suas primeiras cirurgias pediátricas em sete anos e ele está em pânico. Odeio isso.

Despedimo-nos à entrada do edifício. Ele aproxima-se de mim mais do que é correto e não me importo nada. Não voltarei a vê-lo até ao fim do dia e, neste momento, isso parece-me muito distante. Quando me beija, segura as minhas ancas com força, como se eu fosse a única coisa que o impedisse de cair para a morte.

— Tu consegues — digo-lhe, forçando-me a falar com confiança, e vejo-o afastar-se como uma mãe nervosa a deixar o filho na escola pela primeira vez.

Se me enganar — se for demasiado stressante para ele, se as coisas correrem mal —, terei feito desta a lua de mel mais deprimente de sempre e, provavelmente, terei arruinado a nossa próxima semana nas Maldivas.

*É mesmo assim que querem começar a vossa vida juntos?*, perguntou a minha mãe. *Se correr mal, ele vai culpar-te, e isso vai ensombrar todo o vosso casamento.*

Sempre a voz do otimismo, a minha mãe.

Ignorei-a, claro, mas, enquanto procuro o balcão de registo, pergunto-me se ela não teria razão.

Viro numa esquina... e a fila de pessoas dá-me vontade de chorar. É claro que já tinha visto as fotografias de fendas labiais e palatinas, mas ver tantas pessoas ao mesmo tempo — adultos que viveram com isso toda a vida, crianças que provavelmente são vítimas de *bullying* e evitadas diariamente por causa disso — é outra coisa completamente diferente.

São *tantos*, e eu casei-me com um homem que pode mudar a vida de todos.

Os meus motivos para o trazer até aqui foram puramente egoístas — queria apenas que o Hayes se reconectasse com a parte de si próprio que tinha deixado para trás —, mas isto é muito maior do que qualquer um de nós. É muito maior do que as minhas preocupações sobre como o nosso casamento será afetado. É ainda maior do que a falta de confiança do Hayes em si próprio.

Mas, no final de contas, espero mesmo que ele concorde. Recomponho-me e aproximo-me da secretária para me apresentar.

— Vi-a no DeuxMoi — diz a enfermeira responsável. — Sinto-me como se estivesse a conhecer uma celebridade.

Essa parte de estar com o Hayes ainda é estranha. Há mais de um ano que ele não faz nada que valha a pena coscuvilhar, mas não consigo entrar no Whole Foods sem que alguém me reconheça como namorada dele.

Correção: *mulher*. Também não sei se alguma vez me vou habituar a isso.

A enfermeira coloca-me ao fundo da mesa e começo a falar com o primeiro rapaz da fila. Tem dezoito anos e diz que quer ter uma família, mas não é considerado um marido adequado na sua aldeia. Os pais já se foram embora e ele não tem ninguém.

Baixa a cabeça.

— Tem sido muito solitário.

E eu dou por mim a pestanejar para conter as lágrimas. Mais uma vez.

Ajudo-o a preencher a papelada e passo para os doentes seguintes. Dois bebés, seguidos de uma menina acompanhada pelo irmão mais velho. Contam-me que a mãe os mandou de jangada rio abaixo e que caminharam um dia inteiro para chegar aqui.

— De jangada? — repito, pestanejando rapidamente.

O irmão mais velho acena com a cabeça e envolve a irmã mais nova com um braço protetor.

— Vai ajudá-la?

Há algo no desespero do rosto dele, no olhar cheio de fé do dela, que me faz lutar para não soluçar. *Olha como és amada*, penso. *Tão amada que a tua mãe estava disposta a pôr-te numa jangada para obter ajuda. Tão amada que o teu irmão arriscou a vida para te trazer aqui, para isto.*

— Sim — digo. — Eles podem ajudá-la. — A minha voz está rouca.

Durante todo o dia, a fila continua a crescer. O Hayes não é o único médico aqui, mas há mais trabalho do que o que uma legião inteira de médicos conseguiria fazer.

Falo com as pessoas na fila e dou informações atualizadas aos seus familiares. As mães desatam a chorar quando veem os filhos no pós-operatório pela primeira vez, e é preciso um grande esforço da minha parte para não desatar a chorar com elas.

Como é que o Hayes pode não acreditar que a magia é real? Ele próprio a está a criar.

Procuro sinais dele durante todo o dia, mas não há nenhum. Está algures no interior das salas de cimento, sem ar condicionado, e deve estar exausto. *Eu* sinto-me exausta e tenho estado quase todo o dia sentada. A minha maior responsabilidade tem sido levar gelo aos doentes no pós-operatório.

Finalmente, quando o sol se põe, ele aparece. Está encharcado de suor... e a sorrir. Um sorriso tão largo que começo a chorar tanto quanto as mães choraram no início do dia.

Ele abraça-me e penso que as minhas lágrimas desapareceram, mas quando ele me diz que foi fantástico, que finalmente se lembrou porque é que um dia quis ser médico, começo a chorar outra vez.

— Pareces-me invulgarmente emotiva — diz.

— É só o casamento e todas as viagens — respondo.

Tinha de o dizer, mas continuo a odiar o facto de ainda não estarmos casados há uma semana e já lhe estar a mentir.

### 3

## HAYES

Ir para o Ruanda foi, em muitos aspetos, a melhor ideia da Tali. Sinto-me como se me tivesse reunido finalmente com uma parte de mim que tinha trancado a sete chaves há muito tempo. Não sei como é que esse reencontro se vai traduzir quando chegar a casa, mas sei que, de alguma forma, serei bem-sucedido.

No final da semana, tenho a certeza de que vir aqui foi uma boa ideia. Só não sei se a minha mulher concorda. Algo se passa com ela. Está cansada e chorosa. Mesmo no dia em que a convenci a ficar no hotel a descansar, dou com ela no portátil a limpar as lágrimas.

Seja o que for, é algo que ela acha que não pode contar-me. Estará com dúvidas? Será que gostaria de ter voltado para a NYU? Será que sente falta do Kansas ou há uma parte dela que acredita que o Sam poderia ter sido a melhor escolha?

Na véspera do nosso último dia com a Operação Sorriso, não é o trabalho que me leva a ter sonhos stressantes. É a minha mulher, e o que quer que ela me está a esconder.

Sonho que estou na pista de atletismo da UCLA para os meus *sprints* semanais com o Ben. Faltei aos nossos treinos durante todo o fim de semana porque a Tali estava doente, e vou levar nas orelhas por causa disso. Devia ter-lhe mentido sobre o meu paradeiro.

— *Então, lembra-me porque é que te baldaste aos treinos — diz ele, rindo, enquanto começamos a nossa corrida de aquecimento.*

— *Estás sempre a pressionar-me para ser mais simpático. Mas vê como me ridicularizas quando sou decente com uma funcionária.*

*Ele sorri.*

*— Já a conheci, por isso, por favor, não tentes fazer passar isto por um ato de caridade da tua parte.*

*A minha cabeça gira na direção dele.*

*— Quando é que a conheceste, porra?*

*— Na outra semana. Ela veio cá buscar papelada.*

*As minhas narinas dilatam-se. Ele podia ter deixado aquela merda na receção. Ser ele a entregar-lha foi uma escolha.*

*— Tenho quase a certeza de que mencionei que ela não é para o teu bico.*

*— Tenho quase a certeza de que nunca disseste que ela era assim — responde.*

*Estou furioso e nem sequer sei porquê. Ele é o meu melhor amigo. Se ela fosse outra pessoa qualquer, eu apoiaria este desenvolvimento.*

*— Sim, porque ela é boa rapariga e merece mais do que um de nós.*

*— Lembra-me porque é que nenhum de nós merece uma boa rapariga — pede.*

*Lanço-lhe um olhar zangado e aumento o ritmo.*

*— Nenhum de nós está à procura de uma — respondo.*

*Ele encolhe os ombros.*

*— Eu nunca disse tal coisa. Disse que estava à espera da pessoa que me fizesse querer desistir da vida de solteiro. E, tanto quanto sei, já desististe por ela.*

*Ignoro-o e começo a correr.*

*Ele tem razão, embora eu gostasse que não tivesse. Pois para onde é que isto pode ir? Nunca chegará a altura em que ela não mereça mais do que eu.*

*Acordo e sinto uma onda de alívio ao descobri-la ao meu lado. Tudo correu bem, lembro a mim próprio. Ela é minha.*

*Mas não consigo escapar à vizinha que me pergunta... então o que é que ela te está a esconder?*

\*

O último dia de cirurgias está concluído. Nessa noite, há uma festa no bar do hotel para celebrar o fim da missão. A Tali usa um vestido de verão branco que destaca o bronzeado que adquiriu aqui, e está mais bonita do que nunca: os seus olhos brilham e a sua pele parece iluminada por dentro. É tão bela que, por vezes, sinto que não consigo respirar ao olhar para ela. Esta é uma dessas alturas.

Circulamos e a Tali conhece finalmente os médicos que estiveram escondidos comigo dentro do edifício durante toda a semana.

— Avisa-me se vieres no próximo ano — diz-lhe um deles. — Talvez eu convença a minha mulher a vir.

Ela sorri-lhe, mas com uma certa tensão.

— Não sei se vamos voltar, mas de certeza que te avisamos.

Pensei que tínhamos concordado em fazer isto todos os anos. A ideia foi *dela*.

Observo-a e ela desvia o olhar, como se não conseguisse fitar-me. Ou não pudesse comprometer-se a estar comigo em algum lado daqui a um ano.

Deslizo a minha mão para a dela.

— Podemos ir embora? — peço num tom tenso.

— Ir embora? — pergunta. — Mas a festa ainda agora começou.

— Estás cansada e temos um voo cedo.

Percebo que ela quer discutir, mas algo na minha expressão a silencia. Despedimo-nos e dirigimo-nos para o elevador.

— Estás bem? — pergunta ela, quando as portas se fecham atrás de nós.

— Podemos falar disso no quarto — respondo.

Será que se quer ir embora? Será que depois de se casar comigo percebeu que não está pronta para assentar? A ideia faz-me entrar em pânico de uma forma que nunca imaginei ser possível. Desde que a vi afastar-se de mim no aeroporto de Los Angeles, não senti nada parecido com isto.

Uso o cartão-chave para abrir o nosso quarto e seguro a porta até ela entrar. Fecha-se atrás de mim com tanta força que consigo ouvir o eco ao fundo do corredor.

— Quero saber o que se passa — digo-lhe, enfiando as mãos no cabelo.

— E não me digas apenas que estás cansada.

— Isso pode esperar.

— *Não* pode nada esperar. — Começo a andar de um lado para o outro. Meu Deus, não sei o que farei se ela quiser ir-se embora. A mera ideia é semelhante a estar a balançar sobre um abismo. — Se já te arrependeste, diz-me, porra. Nem conseguiste olhar para mim quando te perguntaram se voltaríamos.

Ela esboça um sorriso triste.

— Se ainda achas, depois de todo este tempo, que te posso deixar, então não me conheces tão bem como eu pensava.

Empoleiro-me na beira da cama e inclino-me para a frente, pressionando as mãos na cara.

— Então diz-me o que é.

Ela atravessa a sala e tira o portátil do cofre, abrindo-o e entregando-mo.

— Reescrevi a última página do meu livro. Lê-a.

Franzo o sobrolho. Já li o livro todo, por isso sei como acaba: a Aisling e o Julian regressaram a Edinad para derrubar a rainha. A Aisling e o Julian iam redistribuir as riquezas do reino e governar de uma forma mais equitativa, embora, pessoalmente, eu achasse que eles deviam ir-se embora com a sua parte do dinheiro e sair daquela situação. Também pensei que uma cena de sexo iria completar a coisa toda de forma agradável. Ela não me deu ouvidos, claro.

Mas não há nada no maldito livro que possa afetar a questão entre nós agora.

— Tali, esta não é a altura certa. Não quero ler sobre um reino mágico. Só quero a verdade.

— Lê-o — diz ela com mais ênfase.

Com um gemido, concentro-me no documento Word que ela abriu.

*Entrego a caixa ao Julian.*

— *É nisto que tenho andado a trabalhar — digo-lhe, observando o seu rosto enquanto ele retira dois pares de botinhas de bebé, um azul e outro cor-de-rosa.*

*Ele olha para mim, com incerteza nas suas belas feições. Levanta uma sobrancelha.*

— *Fizeste um bom trabalho, mas não sei se me servem.*

*Rio-me.*

— *Não devem servir-te. São para o nosso bebé. — Pouso a mão dele na minha barriga para que possa sentir por si próprio. Apenas uma ligeira saliência, mas em breve será muito maior.*

Pouso o portátil e olho para a minha mulher. Não faço ideia do que devia ter concluído deste parágrafo.

— Estás chateada porque as tuas personagens *ficcionais* vão ter um filho?

Ela ri-se.

— Não, Hayes. E não estou chateada. Estou emotiva. Há uma diferença.

Passo uma mão pelo cabelo. Isto parece um daqueles sonhos em que nos sentamos para fazer um exame, mas nada na página faz sentido.

Ela deita-se na cama e puxa-me para junto de si.

— Reescrevi o final da história porque as suas vidas sempre foram paralelas às nossas. Pareceu-me correto.

Fico a olhar para ela, paralisado. Por um momento, pergunto-me se esta não será simplesmente a sua forma de me dizer que *quer ter filhos*. Só que... há o choro. O cansaço. E o facto de não a ver tomar uma bebida há semanas. Meu Deus. Mesmo no casamento, ela pegou naquela taça de champanhe, mas será que bebeu um gole sequer?

— Estás grávida? — pergunto roucamente.

Ela acena com a cabeça, um sorriso lento a formar-se no rosto e, de repente, consigo ver o que ela tem estado a esconder de mim. A felicidade parece exalar-lhe de todos os poros.

— Com um bebé? — É talvez o esclarecimento mais estúpido que alguma vez pedi. Mas... não posso acreditar. Já me imaginei pai, ocasionalmente, desde que eu e a Tali nos juntámos. Mas pensei numa criança da idade da sobrinha dela, não... numa coisa minúscula e frágil que quase pode caber na minha mão.

— Espero que seja humano — diz ela com um sorriso. — Mas, sendo metade teu, quem sabe? Tinha medo de que te passasses e cancelasses a viagem se soubesses.

Eu tê-lo-ia feito. É assustador. E maravilhoso.

— Vamos ser uma família — sussurro.

Ela pousa as mãos nas minhas bochechas.

— Já somos uma família. Já somos uma *boa* família. Só está a ficar um pouco maior.

Puxo-a para o meu peito enquanto pestanejo para afastar as lágrimas. Não fazia ideia, até este preciso momento, do quanto queria isto. E sinto a última insegurança a desaparecer finalmente.

Eu disse-lhe que não havia magia no mundo. Mas aqui, com a Tali nos meus braços, com o nosso filho a crescer dentro dela... posso finalmente admiti-lo: estava enganado.